



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

REGIONALISMO E INTERTEXTUALIDADE NO CONTO “MELANCIA - COCO VERDE”, DE SIMÕES LOPES NETO



REGIONALISM AND INTERTEXTUALITY IN SIMÕES LOPES NETO'S TALE “MELANCIA - COCO VERDE”

Estella Maria Bortoncello MUNHOZ
Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Carina Fior Postingher BALZAN
Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 29/04/2021 • APROVADO EM 27/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3449>

Resumo

Apresenta-se uma análise do conto “Melancia - Coco Verde”, de Simões Lopes Neto, presente na obra *Contos Gauchescos*, verificando como os recursos narrativos empregados pelo escritor imprimem a essa história popular uma visão de mundo própria. O objetivo é analisar as características regionalistas do conto, com base nos estudos de Zilberman (1992), Chaves (1994) e Fischer (2012), como também seu aspecto intertextual com outras versões, visto que a narrativa faz parte da cultura popular e foi recontada de diferentes formas ao longo do tempo. Constata-se que o que diferencia a narrativa simoniana das demais versões e a torna única são justamente as características da região representada, ou seja, o espaço, o tipo humano e a linguagem típica do extremo sul do Brasil do início do século XIX.

Abstract

This article presents an analysis of the tale “Melancia - Coco Verde”, by Simões Lopes Neto, present in the book *Contos Gauchescos*. Through the tale, it is verified how the narrative resources used by the writer give this popular history a particular worldview. The objective is to analyze the regional characteristics of the tale, based on the studies of Zilberman (1992), Chaves (1994) and Fischer (2012), as well as its intertextual aspect with other versions, since the narrative is part of popular culture and has been retold in different ways over time. It is concluded that what differentiates the Simões Lopes Neto’s narrative from the other versions and makes it unique are precisely the characteristics of the region represented, like the space, the human type and the typical language of the extreme south of Brazil at the beginning of the 19th century.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura sul-rio-grandense. Contos Gauchescos. Regionalismo. Cultura popular.

Keywords: Sul-rio-grandense literature. Contos Gauchescos. Regionalism. Popular culture.

Texto integral

Introdução

“Melancia - Coco Verde” é uma das histórias que o vaqueano Blau Nunes narra na obra *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto (1865-1916). O conto apresenta o caso de amor entre Talapa e Costinha, ambientado na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no início do século XIX, utilizando uma linguagem característica dessa região do país.

João Simões Lopes Neto nasceu em 1865, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, e passou a maior parte de sua vida na cidade, sendo o mundo rural cenário apenas de sua infância. Isso não o impediu, contudo, de fazer do pampa gaúcho o pano de fundo de suas histórias, como as dos *Contos Gauchescos* (1912). Considerado hoje um dos mais importantes escritores da literatura sul-rio-grandense, o escritor obteve reconhecimento pelo conjunto de sua obra apenas postumamente (CHAVES, 1994).

Sabe-se que “Melancia - Coco Verde” constitui uma narrativa da cultura popular que possui diversas adaptações e faz parte do folclore brasileiro, ou seja, Simões Lopes Neto não foi o único a recontar essa história. “Melancia e Coco Mole” consta na obra *Contos Populares do Brasil*, como um conto popular recolhido por Sílvio Romero (1851-1914) em Sergipe, sendo que o núcleo básico da narrativa é o mesmo de “Melancia - Coco Verde” (SANSEVERINO, 2012).

Essa narrativa também aparece na literatura de Cordel, intitulada *As grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por Coco-Verde e Melancia* (1975), de autoria de José Camelo de Melo Resende (1885-1964), cujo enredo é ambientado no Nordeste brasileiro. Na música, Vinícius de Moraes e Toquinho, na década de 70, compuseram a canção “Melancia & Coco Verde”, pertencente ao álbum *Como dizia o poeta...* (1971), que é interpretada por eles e por Marília Medalha. Dentro da literatura infanto-juvenil, o escritor Ricardo Azevedo,

recentemente, apresentou uma adaptação da história voltada ao público jovem. O conto “Coco Verde e Melancia” compõe a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!* (2013).

Apesar de ser uma narrativa amplamente veiculada ao longo do tempo, principalmente na região Nordeste do Brasil, o que torna o conto de João Simões Lopes Neto único é o processo criativo do autor, que reconstrói a história a partir de uma visão de mundo particular. O autor gaúcho apropria-se da narrativa, criando personagens inseridos em um contexto sócio-histórico-cultural bem demarcado, representando as especificidades do extremo sul do Brasil no início do século XIX. O tipo humano escolhido é, assim, o gaúcho, apresentado como um homem honrado, forte e corajoso. Seu espaço é o pampa, onde, entre a criação de gado e as guerras, se cunhava uma sociedade com um código de ética e linguagem próprios.

Contos gauchescos é, sem sombra de dúvidas, uma obra regionalista. De acordo com Zilberman (1992), o Regionalismo se caracteriza pelo tipo humano escolhido, pelo meio e, no caso do Rio Grande do Sul, pela fixação de determinado tempo histórico. Assim,

[...] a personagem na narrativa regionalista confunde-se com o homem da Campanha. O privilégio atribuído a um certo tipo associa-se de antemão à valorização de um espaço: o pampa. Com isto, assumem importância capital um conjunto de valores e uma estrutura social. (ZILBERMAN, 1992, p. 50).

Essas características estão presentes na obra simoniana e legitimam sua pertença ao programa literário regionalista da época em que os *Contos Gauchescos* foram publicados, em 1912.

O presente artigo busca apresentar uma análise do conto “Melancia - Coco Verde”, de João Simões Lopes Neto, com base nos estudos teóricos de Zilberman (1992), Chaves (1994), Fischer (2012), entre outros, demonstrando como o autor, ao apropriar-se de um conto popular brasileiro, transpõe e adapta-o ao contexto local, no caso o sul-rio-grandense, tornando-o um texto regional. São abordados, na sequência, os aspectos constituintes do enredo, a representação do gaúcho presente no referido conto e, por fim, aprofunda-se a reflexão sobre a intertextualidade com outras versões dessa história popular.

1 “Melancia – Coco Verde” na versão de Simões Lopes Neto

1.1 Enredo e foco narrativo

Blau Nunes é o narrador dos *Contos Gauchescos*. Trata-se de um hábil recurso utilizado pelo escritor que, ao dar voz ao gaúcho, aproxima o leitor da matéria narrada. De acordo com Fischer (2012, p. 62), ao criar um narrador que dá depoimento, alguém que viveu diretamente as experiências da vida campeira, Simões Lopes Neto consegue produzir uma narrativa verossímil de depoimento direto, resolvendo assim um dos limitadores principais de obras sul-rio-grandenses anteriores, que mantinham o narrador em terceira pessoa, contando as histórias em português culto, e só passavam a palavra ao personagem nos

discursos diretos, em que este se expressava em seu dialeto não-culto e não-urbano.

O enredo de “Melancia - Coco Verde” inicia-se com Blau andando a cavalo, ao lado de seu interlocutor, quando avista o índio Reduzo. A partir disso, o narrador relembra uma história – que ele outrora ouvira de Reduzo – e a conta em terceira pessoa ao companheiro de viagem. É essa história que dá título ao conto.

Segundo Blau, Costinha, filho do estancieiro Costa Iunanco, era apaixonado por Sia Talapa. Porém Severo, também estancieiro e pai da moça, não aprovava a aproximação dos dois, pois seu desejo era ver a filha casada com o sobrinho, um português comerciante que morava na cidade. Devido a isso, o amor entre dois jovens era afirmado apenas em discretas aproximações.

Na época em que se passa a narrativa, ocorria mais uma batalha contra os castelhanos¹ e Costinha fora obrigado a ir para guerra; junto a ele, também partira o fiel amigo Reduzo. Na despedida de Costinha, antes de se dirigir ao acampamento militar, ele se encontra secretamente com a amada e, nesse breve encontro, combinam codinomes para que pudessem se comunicar: Melancia e Coco Verde.

Após um mês da partida de Costinha, o velho Severo resolve aproximar sua filha Talapa do sobrinho. Assim, para a tristeza da moça, o casamento entre ela e o primo da cidade é acertado. No entanto, um mensageiro que passava pela cidade soube do casamento e resolve retornar ao acampamento de guerra para contar a notícia a Costinha.

Costinha, desesperado, pede que Reduzo voltasse à Vila e desse um recado para a amada, pois ele não podia abandonar o acampamento naquele momento. Assim, o amigo obedece e faz de tudo para chegar a tempo do casamento. Reduzo acaba sendo convidado para os festejos, como é costume da hospitalidade nas estâncias, aproveita para comer e beber e faz uma saudação aos noivos com uma pequena canção:

Eu venho de lá bem longe,
Da banda do Pau Fincado:
Melancia, coco verde
Te manda muito recado!
[...]
Na polvadeira da estrada
O teu amor vem da guerra:...
Melancia desbotada!...
Coco Verde está na terra!... (LOPES NETO, 2011, p.80)

Ao ouvir a canção, Talapa compreende que se trata de um recado, pois Reduzo cita os codinomes que apenas o casal tinha conhecimento. A partir de então, a moça provoca uma confusão, desistindo do casamento: “Amigo! Nem lhe sei contar o resto! A noiva atirou-se para trás e pegou aos gritos” (LOPES NETO, 2011, p. 80). Os convidados e amigos do noivo ficam furiosos com o índio Reduzo,

¹São chamados de castelhanos os espanhóis que habitavam a região do sul do país. O Rio Grande do Sul tem uma história marcada por constantes disputas de território envolvendo os castelhanos, os povos locais e também os portugueses.

que consegue fugir a tempo. Dois dias depois, Costinha visita a amada e a pede em casamento. Depois de casados, Reduzo vira capataz de confiança da família. Assim, a história se encerra com um final feliz e com a concretização do amor entre Melancia e Coco Verde.

É importante destacar que durante toda a história narrada por Blau, a presença do interlocutor é constante. Mesmo com ausência de diálogos, é possível perceber as falas do narrador dirigidas a ele, como por exemplo, “Veja vancê” (p. 81); “Vancê pare um bocadinho; componha os seus arreios, que a cincha está muito para a virilha” (p.73); “Vá pitando um cigarro enquanto eu dou dois dedos de prosa àquele andante” (LOPES NETO, 2011, p.73) ou “Que é que vancê está dizendo?... O que nós somos hoje a eles devemos? Qual?” (LOPES NETO, 2011, p.75). Chaves (1994) defende a ideia de que o leitor consegue notar que há um diálogo na obra e não um simples monólogo do vaqueano. Desse modo, os silêncios e pausas de Blau levam o leitor a deduzir aquilo que ficou subentendido que, nesse caso, é a presença desse interlocutor. Ao mesmo tempo, enquanto Blau dirige-se ao interlocutor, parece também dialogar com o leitor. Essas intervenções aproximam o receptor da obra e o envolvem, ou seja, é possível que os leitores, assim como o interlocutor na narrativa, sintam-se chamados a ouvir os causos de Blau.

1.2 Espaço e tempo

A história narrada desenvolve-se em um espaço do Rio Grande do Sul que não pode ser determinado com exatidão. No entanto, segundo o que Blau conta, é possível inferir que a trama acontece nas terras próximas ao rio Ibicuí, ou seja, nas coxilhas da parte centro-oeste do atual Estado, região próxima à fronteira com os países vizinhos, Argentina e Uruguai, como mostra a Figura 1.

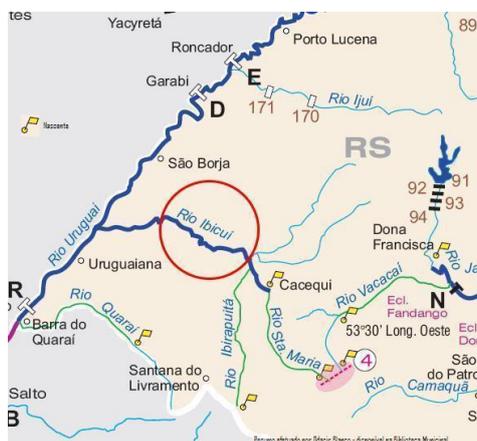


Figura 1 – Rio Ibicuí
Fonte: Google Maps (2020).

O pampa é, de modo geral, o espaço que aparece nas descrições do narrador: “pelo alto das coxilhas avistava-se uma partida do inimigo” (LOPES NETO, 2011, p.77). É nessa localização que estão as estâncias de Costa e Severo.

Dentre os espaços citados está também a Vila, onde o outro pretendente de Sia Talapa morava, ou seja, a cidade. No entanto, o ambiente urbano não faz parte

da narrativa, já que a história se passa no espaço rural, predominantemente na estância de Severo e no acampamento militar.

Também é possível situar o enredo em certo tempo histórico. Veja-se a seguinte passagem:

O Reduzo foi nascido e criado na casa dos Costas, ainda no tempo do velho, o Costa Iunanco, um que foi alferes dos dragões do Rio Pardo. Este Costa Iunaco era um pente-fino, que naquele tempo arranhou tirar para ele e para os filhos – muidagem, ainda – como quatro sesmarias de campo, sobre o Ibicuí, pegadas umas nas outras, e com umas divisas largas... como goela de gringo!... (LOPES NETO, 2011, p. 73).

De fato, a cidade de Rio Pardo, próximo ao cenário da narrativa, sediou um grupamento dos Dragões², entre 1750 e 1823, por ser um posto geograficamente estratégico no território gaúcho. A menção às sesmarias também ajuda na definição da época representada. Sesmarias eram lotes de terra abandonados que os reis de Portugal cediam a quem se dispusesse a cultivá-los e tivesse ligação com a administração (ANGELI; TONET, 2004). Os estancieiros do conto haviam herdado as sesmarias, por isso é provável que a história se passe em um período anterior à Independência do Brasil.

De acordo com Fischer (2012), no início do século XIX, temos o seguinte desenho da sociedade gaúcha:

[...] ao noroeste, as Missões destruídas, com restos de população e gados em extravio, após a grande experiência histórica de um século e meio; a oeste e a sudeste – que se chama propriamente de *fronteira*, alguns pequenos núcleos urbanos e muitas fazendas de gado, organizadas com certo aspecto militar, para defender a terra e a fronteira (fala-se do “estancieiro-soldado”, a figura do “coronel” de gaúchos, estes, como se disse, de origem étnica imprecisa, servindo como trabalhadores especializados nas lides do campo e como soldados de seu empregador, a quem serve fielmente)”. (FISCHER, 2012, p. 26, grifos do autor).

Nesse período, os estancieiros passam a solicitar do governo a divisão das terras para que desta forma pudessem criar o gado de maneira mais segura. Além disso, foi uma época decisiva para a expulsão dos espanhóis da Província. Por isso, cada estancieiro era um chefe militar e seus peões eram soldados (ANGELI; TONET, 2004), como era o caso do índio Reduzo, que era posteiro. Nesse sentido, era preciso defender as terras dos ataques constantes dos castelhanos, que invadiam as estâncias gaúchas para pilhar gado e recuperar as terras. Esse fato justifica a ida de Costinha à guerra: “foi por estas alturas que os castelhanos bandearam a fronteira e o Costinha assanhou-se” (LOPES NETO, 2011, p. 75).

Há ainda outra fala de Blau que indica a época representada na narrativa:

²Uma das mais antigas unidades do Exército Brasileiro, fundada em 1737 no Rio Grande do Sul.

Vancê está se rindo e fazendo pouco? É porque vancê não é daquele tempo... quando rompeu a independência lá na Corte do Rio de Janeiro... e depois tivemos que ir para a coxilha fazer a guerra dos Farrapos, com seu General Bento Gonçalves, que foi meu comandante, sim senhor, graças a Deus... e mais os outros torenas!... (LOPES NETO, 2011, p. 75).

Ou seja, o enredo se passa em um período próximo à Independência do Brasil (1822), também anterior à Revolução Farroupilha (1835-1845). A figura de Bento Gonçalves recebe grande reconhecimento na guerra e reforça a ideia de que Blau é um sujeito vivido, conheceu muita gente e, por isso, possui tantas histórias para contar.

“Melancia – Coco Verde”, embora de caráter ficcional, não deixa de retratar os costumes da sociedade gaúcha do início do século XIX. A vida no pampa e os episódios históricos que constituem o pano de fundo da história servem de testemunho de uma época ao mesmo tempo que conferem verossimilhança à narrativa.

1.3 Personagens e a representação do gaúcho

No conto “Melancia Coco-Verde”, há o predomínio do tipo social do gaúcho corajoso, orgulhoso e honrado. Essa caracterização inicia-se a partir do próprio narrador. Blau Nunes é um homem do campo, simples, que resolve contar histórias guardadas em sua memória, mesclando acontecimentos coletivos com vivências individuais por meio de um olhar subjetivo. Na apresentação de *Contos Gauchescos*, o leitor é convidado a escutá-lo: “Patrício, escuta-o.” (LOPES NETO, 2011, p.15).

Os contos desenrolam-se a partir das lembranças desse gaúcho narrador, de modo que tudo é contado sob sua perspectiva. Sua memória viva permite que ele narre algumas lembranças da época de vaqueano. Justamente por sua simplicidade, Fischer (2012) explica que Blau não é uma mitificação. Na verdade, ele é apenas um peão de estância, não um proprietário, ou seja, trata-se de um vaqueano comum.

Assim, é justamente nas histórias contadas por Blau que a figura do gaúcho idealizado aparece, de forma que “o processo de idealização do gaúcho, herdado dos românticos, percorre o livro de maneira geral” (SEVERO, 2013, p. 146). E, mais do que as qualidades de virilidade, honra, coragem e força, *Contos Gauchescos* coloca em evidência a esperteza e a sagacidade desse tipo.

No enredo de “Melancia - Coco Verde” aparecem personagens que representam diferentes classes sociais. Costa Lunaco, rico estancieiro e proprietário de quatro sesmarias, e Severo, pai de Talapa e também estancieiro, representam uma classe social privilegiada, detentora de terras e gado, de escravos e de poder político. O estancieiro surge a partir da atividade tropeira, requisitando ao governo a divisão das terras para criar o gado, sendo sua figura decisiva na expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul (ANGELI; TONET, 2004).

Costinha é o protagonista. Ele é filho e herdeiro do Velho Costa e também cadete (com estrela), portanto, trata-se de um jovem de família abastada que fazia parte do exército. O fato de ser militar reforça a idealização do gaúcho, afinal, o

personagem exalta as virtudes de “coragem, a disponibilidade para a luta e o desejo de liberdade” (ZILBERMAN, 1992, p. 50). Veja-se a seguinte passagem:

Um dos moços, que era um quebra largado, nomeado por Costinha, esse, foi dos primeiros a se apresentar ao comandante das armas, para servir. E tais cantigas contou o velho Costa, que este deixou o Reduzo ir com ele, de companheiro e ordenança, porque o rapaz era cadete com estrela e tudo, e tudo e tinha direito. (LOPES NETO, 2011, p. 74).

O narrador exalta algumas características do protagonista. Descrito como homem “quebra largado”, ou seja, valente, Costinha se apresenta para servir na guerra a fim de defender e honrar os ideais do povo sul-rio-grandense contra os castelhanos. Além disso, o moço também reforça o tipo gaúcho idealizado, que apresenta não apenas relação com o meio militar, como também reconhecimento na área.

Hábil no manejo das armas, leal e corajoso, mesmo recebendo a notícia do casamento da amada, Costinha não abandona o acampamento militar, encarregando seu amigo Reduzo de dar o recado a Sia Talapa. O trecho a seguir exemplifica:

Pelos altos das coxilhas avistava-se uma partida do inimigo. O comandante então até deu ao Costinha uma prova de confiança, pois encarregou-o de uma carga sobre um flanco dos andantes...
E agora?!...
Filho de tigre é pintado!...
Diante do dever o moço engoliu a tristeza, e mesmo não quis se desmoralizar desertando justamente naquela hora de peleia. (LOPES NETO, 2011, p.77).

Costinha estava sempre acompanhado de seu melhor amigo³ Reduzo, chamado de “chiru” na história. Esse termo significa “índio” ou “caboclo”, portanto, Reduzo tem relação com a origem do gaúcho, que é também indígena. Era nascido e criado na casa dos Costa e, apesar de trabalhar lá, foi tratado como as outras crianças da fazenda: “O chiru criou-se junto com os meninos [...] tudo faziam juntos” (LOPES NETO, 2011, p. 73). Segundo Blau, Reduzo era também posteiro, ou seja, empregado que reside junto ao limite de uma fazenda e é responsável pelas cercas do território do estancieiro.

Para Machado (2011), muitos índios tornaram-se tropeiros, posteiros e peões nos galpões das estâncias. Além disso, “o peão ocupa posição inferior na escala social. É este indivíduo que absorve os valores igualitários [...] de modo a se tornar o porta-voz dos interesses de seus senhores” (ZILBERMAN, 1992, p. 51). Reduzo é a representação do peão, do gaúcho empregado e comum.

No entanto, apesar de a narrativa mostrar essa divisão social entre os personagens, não há desigualdade ou conflito. A amizade entre Costinha (filho do estancieiro) e Reduzo (peão) e a fraternidade entre homens de classes sociais diferentes acaba, por meio da literatura, mascarando a realidade. De acordo com

³ Apesar de melhor amigo de Costinha, destaca-se que Reduzo era um subalterno da fazenda.

Zilberman (1992, p. 44), “se deixava transparecer a vontade coletiva de encontrar na literatura um espelho que embelezava o passado e harmonizava a relação entre o conquistador e o conquistado”. Portanto, não havia diferença entre os peões e os estancieiros, que eram tidos como hospitaleiros. Isso é reforçado na narrativa quando Reduzo, mesmo sendo empregado, chega ao casamento e é convidado para participar: “[...] hoje estamos de festa. Fica aí para tomares um copo de vinho, comer uns doces à saúde do noivado...” (LOPES NETO, 2011, p. 79).

Para a família Costa e também para Severo, Reduzo é tido como alguém da família. Na trama, ele só é maltratado quando, ao fazer a homenagem aos noivos, repassa o recado de Costinha e acaba por impedir o casamento. Nesse momento, transparece o preconceito de alguns personagens em relação ao peão: “Foi esse negro [...] que estremeceu a menina” (LOPES NETO, 2011, p. 80) e “cuê-puxa! Índio dente-seco!” (LOPES NETO, 2011, p. 81).

A figura do mensageiro também aparece na história, chamado de “chasque”. Era um rapaz novo, alegre e muito bem relacionado na região. Na época representada, o chasque era uma figura comum, responsável por enviar correspondências e recados entre as pessoas de diferentes partes da Província.

Outro personagem que merece destaque é o primo de Sia Talapa e dono de uma casa de negócios da vila, designado na narrativa de “ilhéu”, provavelmente em referência aos portugueses provenientes dos Açores. Segundo Fischer (2012), havia muitos ilhéus açorianos entre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, desde meados do século XVIII. Seu papel na narrativa é importante para se contrapor à figura do gaúcho, seus costumes e valores. Ao contrário dos demais personagens do conto, o ilhéu, por ser estrangeiro, não estava inserido naquela cultura campestre e seus hábitos causavam estranhamento aos sul-rio-grandenses. Não é por acaso que esse personagem é menosprezado por Blau, justamente por não estar de acordo com os padrões sociais do gaúcho: “Diabo!... Até me cuspo todo, quando lembro daquele excomungado!...” (LOPES NETO, 2011, p. 75).

Além disso, os costumes e modos de vida desse personagem opõem-se aos do gaúcho típico. Blau o descreve como, por exemplo, “mui comedor de verduras” (LOPES NETO, 2011, p. 74), ideia que se opõe à tradição de comer carne, como o churrasco, o que é uma afronta aos hábitos gaúchos. Em outra passagem, o narrador também o deprecia por andar com transporte puxado por bois e não montado em um cavalo, como era tradição: “Era ordinário, que nem se avexava de aparecer de carretinha, diante da moça!...” (LOPES NETO, 2011, p. 74).

Há, na narrativa, uma forte distinção entre os gaúchos e as pessoas “de fora”. É por isso que aqueles que não condizem com o estereótipo são considerados forasteiros ou inimigos (CHAVES, 1994) e despertam tanto asco de Blau: “Que isto das nossas comidas, um churrasco escorrendo sangue e gordura e salmoura... [...] tudo isso, que é do bom e do melhor, para o ilhéu não valia nem um sabugo!...” (LOPES NETO, 2011, p. 75).

Essa ideia de não-gaúcho associa-se à de vilão, assumindo a função de antagonista no enredo, já que, por causa do ilhéu, Costinha e Talapa quase foram separados para sempre. Pode-se dizer, como argumenta Chaves (1994), que essas figuras não-gaúchas são mantidas na posição de elementos estranhos ao contexto sul-rio-grandense e jamais assimiladas por completo. Isso ocorre não apenas com estrangeiros, mas com os próprios brasileiros, ou seja, com aqueles que não fazem

parte do mundo campeiro ou que não compartilham dos mesmos valores ou do código de ética do gaúcho. Para Zilberman (1992, p. 51), “o vilão, por excelência, é o homem que vem do outro espaço - o habitante da cidade ou da corte”.

Em relação à figura feminina, Talapa é a representação da mulher gaúcha. É filha do Velho Severo e descrita como uma linda “brasileira mimosa” (LOPES NETO, 2011, p. 74). A mulher, na época representada, possuía pouco poder de decisão sobre si mesma, por isso, tudo o que fazia dependia da aprovação do pai ou dos irmãos. Restrita ao ambiente doméstico, sua função principal era cuidar do lar e dos filhos.

Talapa não é representada como “china”⁴, por isso não possuía liberdade enquanto mulher. Sua participação na narrativa é predominantemente submissa, mesmo assim, ao final da história, Talapa demonstra ares de coragem ao lutar pelo seu desejo de ficar com Costinha e recusar, no dia do casamento, um matrimônio forçado.

[...] e enquanto se fazia uma paradita no barulho, a noiva se punha em pé como uma mola, e com uma mão grudada no braço da ama, já não chorava, tinha um coloreado no rosto e os olhos luziam como duas estrelas pretas!... [...] Amigo! Nem lhe sei contar o resto! A noiva atirou-se para trás e pegou aos gritos. (LOPES NETO, 2011, p. 80).

Outra personagem mulher é a negra, ama que cuidou de Talapa quando era criança. Sobre os negros pode-se dizer, por um viés histórico, que, no Rio Grande do Sul, estavam presentes com mais intensidade nas charqueadas, onde trabalhavam arduamente e em condições desumanas. As mulheres serviam também como ama de leite e empregadas do lar (ANGELI; TONET, 2004). No conto, a negra aparece como a única que entendia os sofrimentos da jovem noiva. Mesmo assim, fica evidente a hierarquia que havia na sociedade em relação aos negros, pois a pobre chorava escondida “por medo do laço” (LOPES NETO, 2011, p. 77). A narrativa, mesmo que brevemente, deixa transparecer a condição do negro no início do século XIX: um escravo que deveria servir e obedecer aos seus senhores e que poderia sofrer punições físicas a qualquer momento.

Assim, apesar de o enredo de “Melancia – Coco Verde” focar o relacionamento de Talapa e Costinha, todos os personagens ajudam a construir a narrativa e assumem uma função nessa sociedade pastoril do início do século XIX. Por meio do conto, ficam subentendidos os papéis sociais dos personagens como também a forma como se organizava e estruturava a sociedade rio-grandense, seus valores e códigos de conduta.

2 Intertextualidade com a cultura popular

⁴Segundo o Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense (SCHLEE, 2019), china pode significar mulher indígena ou com aparência de índia; mulher da campanha; amásia, amante, concubina; prostituta. Historicamente, essas mulheres não eram dependentes de pai ou marido.

Apesar da originalidade e da riqueza de detalhes com que o conto “Melancia - Coco Verde” foi construído por Simões Lopes Neto, essa história faz parte da tradição oral brasileira. Especialmente na região Nordeste do Brasil, o amor interdito entre o casal protagonista foi tematizado em diferentes épocas. Assim, é possível realizar uma análise intertextual entre as diferentes versões desse conto.

Para Antunes (2010), a intertextualidade é o recurso de inserção de textos em circulação em um outro texto particular, de forma que “todo texto é um intertexto, no sentido de que sempre se parte de modelos, de conceitos, de crenças, de informações já veiculados em outras interações anteriores” (ANTUNES, 2010, p.36). Bakhtin (1997) também trata do assunto, afirmando que há sempre o encontro entre dois textos: do que está concluído e do que se elabora em relação ao primeiro. Nesse sentido, é possível verificar aproximações e diferenças entre a obra simoniana e as demais que tematizam o amor entre Melancia e Coco-Verde.

Silvio Romero (1851-1914) foi o primeiro a escrever a versão “Melancia e Coco Mole”, classificando-o como um conto de origem africana e mestiça. A história foi recolhida do folclore oral de Sergipe e publicada em uma coletânea de contos em 1883, denominada *Contos Populares do Brasil*⁵, constituindo a primeira grande obra etnográfica da literatura brasileira. Na versão de Romero, o casal de protagonistas chama-se pelo codinome Melancia e Coco Mole. No enredo, o rapaz precisa ir para a guerra e a moça fica em casa à sua espera, recusando os pretendentes que apareciam. Passados alguns anos, o pai resolve que já era hora de ela casar e marca o casamento. Coco Mole retorna da guerra e fica desolado com a notícia de que a amada se casaria naquele dia. Um caboclo, pajem do rapaz, elabora um plano para o reencontro dos amantes. Diante dos noivos à espera do padre, canta a canção sinalizando à moça que Coco Mole havia retornado: “Eu venho lá de tão longe, / Corrido de tanta guerra, Melancia, Coco Mole / É chegado nesta terra” (ROMERO, 2018, p. 269).

A versão de Romero é sucinta e mantém os traços da história oral, sem apresentar traços regionalistas. Nesse caso, os personagens não possuem nomes e o cenário e o tempo não são definidos. O cerne da narrativa é a separação do casal, com a eminência de um rompimento definitivo, e o desfecho é o reencontro. A narrativa é, portanto, muito parecida com a contada por Simões Lopes Neto, porém, com menos detalhes. Além disso, o caboclo, assim como o índio Reduzo, é quem auxilia na reaproximação do casal.

Simões Lopes Neto, apesar de ter nascido em Pelotas, no Rio Grande do Sul, e ter vivido a maior parte da vida ali, aos 13 anos partiu para o Rio de Janeiro, onde estudaria no Colégio Abílio e, a seguir, na Faculdade de Medicina, curso que não completou. Provavelmente, nessa época terá entrado em contato com a obra de Silvio Romero, servindo o conto “Melancia Coco Mole” de inspiração para a sua versão da narrativa.

Anos mais tarde, a mesma história apareceu na literatura de cordel, escrita por José Camelo de Melo Resende (1885-1964) e intitulada *As grandes aventuras*

⁵A primeira edição de *Contos Populares do Brasil* foi publicada pela Editora Nova Livraria Internacional, em Lisboa, no ano de 1883. Anos depois, em 1887 e 1907, são publicadas duas edições brasileiras, ambas pela Francisco Alves.

de Armando e Rosa, conhecidos por *Côco-Verde e Melancia*⁶. A versão é inteiramente construída em forma de cordel e, logo no início, o narrador faz alusão às origens folclóricas da história: “Côco-verde e Melancia / é uma história que alguém / quer sabê-la, mas não sabe / o começo de onde vem / nem sabe os anos que fazem / pois passam trinta de cem” (RESENDE, 1975, p. 1).

No enredo, é possível entender que Rosa e Armando são próximos desde a infância e frequentam a escola juntos. A diferença em relação à versão de Simões Lopes Neto é que os codinomes são feitos para que eles possam escrever cartas de amor um para o outro, sem que o professor e as famílias dos dois percebam: “Depois Armando temendo / que o mestre os descobria / fingindo que amava as frutas / e nas cartas que fazia / tomou como namorada / a chamada Melancia” (RESENDE, 1975 p. 3). Não há, pois, nenhuma referência a uma possível guerra que afaste o casal, como o ocorrido com Costinha, que precisou se distanciar de Talapa porque era militar.

Nessa versão, uma pedra próxima à escola sinalizava o local onde os dois deixavam e recolhiam suas correspondências: “como esta pedra nativa / se eu não casar contigo / juro a Deus não ficar viva” (RESENDE, 1975, p. 7). Como o pai da menina não aprovava a aproximação de Rosa e Armando, os dois tentaram manter segredo até que o moço, anos mais tarde, resolve pedi-la em casamento. O pai de Rosa, assim como Severo, pai de Talapa, não aprecia essa ideia, mas finge concordar com a união. Na obra de Resende (1975), o patriarca tenta afastar o casal de forma velada, mentindo para impedir o casamento: fez falsas promessas, forjou a morte da filha, enviou o pretendente a outro Estado.

Mas, diferentemente de Severo, ele não tenta casar Rosa com outra pessoa. Mesmo com a distância e a falta de contato, o casal Rosa e Armando mantém-se unido pelo sentimento que nutrem um pelo outro. Ao final da história, assim como na obra simoniana, Melancia está aflita sem notícias de Côco-Verde. O pai da moça, do mesmo modo que Severo, promove uma festa, mas neste caso, em alusão à data de São João. É nesse evento que Armando, por meio da canção cantada por um caboclo, envia um recado à Rosa. Nesse sentido, há aproximações com a canção entoada por Reduzo: “Eu venho de muito longe / do pé duma grande serra / acompanhado de alguém / mas não venho fazer guerra / vim dizer a Melancia / Côco-Verde está na terra” (RESENDE, 1975, p. 28).

Rosa, da mesma forma que Talapa, imediatamente entende o significado da canção. Assim, Melancia e Côco-Verde finalmente conseguem se reencontrar, fugir e casar escondidos. A narrativa se encerra de modo feliz, com o pai da moça encontrando o casal e pedindo-lhes perdão: “Então a felicidade / veio em socorro de Armando / enricou sem proteção / só com Rosa lhe ajudando / e Tiago arrependido / lhe pediu perdão chorando” (RESENDE, 1975, p. 32).

Embora a narrativa tenha as mesmas origens populares, diferencia-se da versão de Simões Lopes Neto. Além da forma do texto em versos e com a presença de rimas, própria da literatura de cordel, o conteúdo também sofre modificações. Em *As grandes aventuras de Armando e Rosa, conhecidos por Côco-Verde e Melancia*,

⁶ Não há registro da data da primeira publicação dessa história em cordel. Utiliza-se para a análise a versão publicada em 1975, após a morte do escritor.

o motivo da separação do casal não é a guerra, mas o fato do pai da moça não desejar que a filha se case com Armando. Além disso, apesar de alguns locais do Nordeste serem citados, como Piauí, Natal e Mamanguape, a obra não possui outros elementos que a caracterizem enquanto regionalista.

As narrativas de Silvio Romero, Simões Lopes Neto e José Camelo de Melo Resende possuem algumas diferenças em relação à estrutura e ao enredo, mas os codinomes e a relação amorosa entre o casal permeiam as três versões. Além disso, há sempre um caboclo que auxilia no reencontro do casal por meio de uma canção. Em todas as histórias, o início da música é similar, conforme pode ser observado no quadro abaixo:

Melancia e Coco Mole (Sílvio Romero, 1883)	Melancia – Coco Verde (Simões Lopes Neto, 1912)	As grandes aventuras de Armando e Rosa, conhecidos por Côco-Verde e Melancia (José Camelo de Melo Resende, 1975)
Eu venho lá de tão longe, Corrido de tanta guerra, Melancia, Coco Mole É chegado nesta terra.	Eu venho de lá bem longe, Da banda do Pau Fincado: Melancia, Coco Verde Te manda muito recado.	Eu venho de muito longe do pé duma grande serra acompanhado de alguém mas não venho fazer guerra vim dizer a Melancia Côco-Verde está na terra

Quadro 1 – Trecho das canções

Fonte: Elaboração própria (2021).

Além das já citadas versões, Vinícius de Moraes e Toquinho representaram a história por meio da música popular brasileira, em 1971. Uma das características que mais singulariza a composição “Melancia e Coco Verde”, presente no álbum *Como dizia o Poeta...* é a presença do eu-lírico, assumindo as falas dos personagens. Ou seja, não é mais a perspectiva de uma terceira pessoa que narra a relação amorosa do casal, mas o diálogo entre os protagonistas Melancia e Coco Verde.

Nessa versão, a relação dos amantes não é secreta nem parece ser proibida. O rapaz exalta suas qualidades e convida a amada para se unir a ele: “Menina, case comigo/ Que eu sou bom trabalhador”, ao que a moça responde: “Eu na sua companhia / Sigo pr’onde for / Corpo cheio de vontade / Coração em flor” (MORAES, 1971).

Outrossim, a escolha lexical e a ordem sintática das frases produzem o ritmo e a musicalidade da composição. Além das repetições de palavras e da presença de rimas: “Melancia é fruta verde e dá botão / Coco verde é fruta dura e cai no chão” (MORAES, 1971), em alguns trechos há aliterações, como no caso do som “s”, que produz um sussurro, conferindo aos versos um tom intimista e de confissão: “Menina venha comigo / Consigo eu juro que vou / Me siga para onde eu sigo / Me siga para onde eu for” (MORAES, 1971).

Por se tratar de uma composição musical, não há um conflito no enredo como nas demais versões da história, mas o final feliz permanece: “Coco Verde e Melancia/Para sempre amor”. Além disso, os dois versos finais são os únicos que não rimam entre si, mas que dialogam com a estrofe acima: “Quero ser minha senhora / Para meu senhor”. A história encerra de forma cíclica com o termo “amor”, já que a palavra só havia aparecido no início da canção: “De noite morro de amor”.

Outro diferencial é que nessa versão da história não aparece a figura do caboclo, justamente pela existência do diálogo entre os protagonistas. Assim, as vozes de Vinícius de Moraes e Marília Medalha substituem a canção que, nas demais versões, o caboclo cantava para promover o reencontro do casal.

Por fim, recentemente, o escritor Ricardo Azevedo adaptou o conto não apenas em termos de enredo e linguagem, mas também enfocando um outro público. Na obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, lançada em 2013, o escritor reconta o amor de Melancia e Coco Verde em um livro destinado a crianças e jovens. A linguagem e a sintaxe mais simples, além das ilustrações da obra, dialogam com o público e permitem que o jovem leitor se encante com essa narrativa popular.

Da mesma forma que a versão de Resende, Azevedo também inicia a história com um narrador em terceira pessoa contando que o casal se conheceu na escola. O pai da menina não aprovava a aproximação dela com o moço por pertencerem a classes sociais diferentes: ela morava em uma fazenda muito rica; ele era muito pobre. A interdição do amor inicia pelo professor que, a pedido do pai, muda os horários das aulas da menina para que ela não veja mais o colega. Porém, mesmo com todas as proibições, o casal arranja uma forma de manter contato: “Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredo. Seria ali o lugar secreto dos dois” (AZEVEDO, 2013, p. 41). É nesse discreto espaço que eles passam a trocar cartas utilizando os codinomes. De forma sucinta, o escritor mostra a aproximação dos dois que culminaria em um sentimento mais forte: “E assim, mesmo sem se ver, os dois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro” (AZEVEDO, 2013, p. 42).

Porém, o breve desfecho da história não fornece respostas ao leitor. Com as palavras “E o tempo passou. [...]” (AZEVEDO, 2013, p. 42), o conto permite que o leitor imagine um provável futuro para o casal. Além disso, a frase final também pode remeter aos clássicos contos de fadas infantis, como se significasse “e viveram felizes para sempre”. No entanto, o autor atualiza os sentidos de um final fechado como o “felizes para sempre” e permite uma interpretação mais livre e criativa. No conto de Azevedo também não aparece a canção entoada pelo caboclo, diferentemente das narrativas de Romero, Lopes Neto e Resende.

Tomando o conto “Melancia – Coco Verde” de Simões Lopes Neto em comparação às demais versões da narrativa, pode-se dizer que os elementos regionalistas presentes na obra do escritor gaúcho são o maior diferencial da história. Além disso, de todas as versões analisadas, a versão simoniana é a mais elaborada e bem acabada, tanto em termos de enredo, quanto em qualidade estética. É possível identificar o gaúcho como o tipo que protagoniza a narrativa, seu modo de vida, seus valores e código de ética. O pampa, como o espaço que

molda o caráter do gaúcho, representa a perfeita comunhão entre o homem e a natureza, imprimindo-lhe um aspecto rude e destemido e um apreço pela liberdade e pela solidão. A construção do tempo apoiado nas memórias de Blau Nunes localiza o enredo na História e demarca um passado mítico e idealizado, superior ao presente. Tudo isso escrito em uma linguagem peculiar, própria da região fronteira do extremo sul do Brasil, carregada, por isso mesmo, de termos da língua castelhana.

Segundo Zilberman (1992), com os *Contos Gauchescos*, Simões Lopes Neto:

[...] retoma os elementos do Regionalismo e transforma-os num instrumento de reflexão sobre a realidade gaúcha. Dá dimensão artística ao tipo regional enquanto um modelo propiciado pelo solo rio-grandense e solidário a ele; mas revela que este mundo está terminado por razões verificáveis na história contemporânea do Estado. Sua nostalgia converte o passado num mito, porque perfeito, unitário e globalizante; mas sua consciência do presente dimensiona sua crítica e faz com que percorra o caminho inverso, dessacralizando o mito instituído e alertando a respeito do tipo de dominação exercida em sua época. (ZILBERMAN, 1992, p. 59).

Assim, a tríade composta por espaço, tipo social e tempo histórico constrói a narrativa, criando uma representação do Rio Grande do Sul e de seu povo (FISCHER, 2012). Cada peculiaridade do conto, ainda que dialogue com a história popular, revela a região, a língua e a cultura do sul do país.

Considerações finais

Um casal apaixonado que supera uma série de percalços para concretizar seu amor: essa é a história de Talapa e Costinha, semelhante a tantas outras histórias de amor representadas na literatura universal. O amor é tematizado pela literatura desde as suas origens e até aí o conto “Melancia – Coco Verde” não traz nenhuma novidade. De *Romeu e Julieta*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Orgulho e Preconceito* até *Lucíola* e *Grande Sertão: Veredas*, a paixão e os amores interditos encantam leitores e reforçam a capacidade desse sentimento de transformar as pessoas, alterar destinos, mudar o rumo das histórias e, muitas vezes, desafiar os padrões sociais estabelecidos. Ainda que cada uma das obras aqui analisadas apresente suas particularidades, as diferentes versões sobre a história do casal Melancia e Coco-Verde aproximam-se pelo efeito que geram. Isso porque o amor, enquanto tema universal, é sentido e compreendido por leitores de qualquer tempo e espaço.

O que torna o conto “Melancia - Coco Verde” escrito por Simões Lopes Neto único, diferenciando-se das demais versões presentes na cultura popular brasileira, certamente é a visão de mundo impressa na narrativa analisada. Não há apenas a história de dois jovens amantes que, após serem separados, acabam juntos, em um final feliz semelhante ao dos contos de fadas, há, principalmente, o painel de uma sociedade, a sul-rio-grandense, no início do século XIX, e a representação de um sistema sociocultural complexo. Assim, como afirma

Zilberman (1992), o tipo gaúcho é associado à valorização do espaço em que ele habita, assumindo um conjunto de valores e uma estrutura social.

Pode-se dizer que o espaço, o tempo histórico e tipo social representados são os pilares que caracterizam o conto “Melancia – Coco Verde” como uma obra regionalista, além da linguagem em que é narrado. No entanto, justamente pelo fato de a história originar-se da cultura popular e tratar de sentimentos inerentes aos seres humanos, a versão de Simões Lopes Neto atravessa o tempo, sendo atualizada pelos leitores que lhe atribuem novos sentidos. Assim, por trás de uma região e do tipo gaúcho, prevalece o indivíduo em sua humanidade.

Referências

- ANGELI, Maria Lucia; TONET, Juliana Salete. *Continente Gaúcho*. Caxias do Sul: Maneco, 2004.
- ANTUNES, Irlandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- AZEVEDO, Ricardo de. *No Meio da Noite Escura Tem Um Pé de Maravilha!*. São Paulo: Ática, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.
- FISCHER, Luis Augusto. *Literatura Gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.
- GOOGLE MAPS. *Rio Ibicuí*. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/sQjV1>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos & Lendas do Sul*. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- MACHADO, Juremir. Gaúchos e Índios. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/ga%C3%Bachos-e-%C3%ADndios-1.321>. Acesso em: 05 out. 2020.
- MORAES, Vinícius de. Melancia e Coco Verde. *Como dizia o poeta...* 1971. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86610/>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- RESENDE, José Camelo de Melo. *As grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por Coco-Verde e Melancia*. 1975. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/20.500.11997/7317/2/LC0464%20-%20Grandes%20aventuras%20de%20Armando%20e%20Rosa%20conhecidos%20por%20C%C3%B4co%20Verde%20-%201975.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- ROMERO, Silvio. *Contos populares do Brasil*. São Paulo: Cadernos do mundo inteiro, 2018. Disponível em: <https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Contos-populares-do-Brasil-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANSEVERINO, Antonio Marcos Vieira. Melancia - coco verde ou Melancia, coco mole? *Nonada: letras em revista*. Porto Alegre. n. 19, p. 25-39, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/173969>. Acesso em: 05 dez. 2020.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense*. Pelotas: Fructos do Paiz, 2019.

SEVERO, Cristine Zirbes. A dialética e o entre-lugar em contos gauchescos, de Simões Lopes Neto. *Revista Virtual de Letras*. Porto Alegre. v. 05, p 142-153, 2013. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/201.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Para citar este artigo

MUNHOZ, Estella Maria Bortoncello; BALZAN, Carina Fior Postingher. Regionalismo e intertextualidade no conto “Melancia - Coco Verde”, de Simões Lopes Neto. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1039-1055, set.-out. 2021.

As autoras

Estella Maria Bortoncello Munhoz possui bacharelado em Design pela Universidade de Caxias do Sul e pós-graduação em Literatura Infantil e Juvenil pela mesma universidade. É estudante de licenciatura em Letras pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul e mestranda em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul na linha de pesquisa de Literatura e Processos Culturais.

Carina Fior Postingher Balzan possui graduação em Letras - Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Mestrado em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul. Também possui especialização em Educação de Jovens e Adultos - Proeja pelo IFRS/UFRGS e doutorado em Letras pela Universidade de Caxias do Sul/UniRitter. É docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves, atuando nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura, Leitura e Formação de leitores.